

Resenha: O Atlântico Negro

Lilian Ghisso Aristimunho*

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002. 427p.

Introdução

O Atlântico Negro é um estudo contemporâneo de sociologia e dos estudos da cultura que busca definir a modernidade a partir do conceito de diáspora negra e suas narrativas de perda, exílio e viagens. História de deslocamentos e identidades caracterizam essa formação, a qual Gilroy chama de Atlântico Negro: um conjunto cultural irredutivelmente assimétrico, excêntrico e instável que escapa à lógica estreita das simplificações étnicas e da necessidade de se pensar sobre uma cultura negra desenvolvida dos dois lados do Atlântico, e se manifesta tanto nos escritos de W. E. B. DuBois como nas letras dos *rappers* do século XXI.

A obra é desenvolvida a partir da tentativa do autor de mostrar em suas aulas de história da sociologia para os alunos do segundo ano da South Bank Polytechni (atual South Bank University) em Elephant and Castle, Londres, que as experiências do povo negro faziam parte da modernidade abstrata que eles achavam tão intrigante; e de provar algumas coisas que os intelectuais negros disseram sobre seu sentido de inserção no mundo moderno.

Em um primeiro momento, Gilroy busca explorar os diferentes paradigmas das relações especiais quanto à pureza racial, cultura, nacionalidade e etnia que possuem relevância nas histórias e culturas políticas dos negros do Reino Unido. Os dois grandes grupos culturais que têm se formado ao longo da marcha do mundo moderno permanecem simbolicamente fechados em uma relação antagônica – preto e branco. As ideias de nação, nacionalidade e filiação nacional são o cerne da questão, pois acentuavam mais a diferença cultural complexa do que simples hierarquia biológica. Parte de uma contestação das formas essencialista de pensar as culturas e a identidade negra no mundo ocidental até um radicalismo da identidade negra como construção política e histórica marcada pelas trocas

* Estudante de Teologia na Escola Superior de Teologia.

culturais, tendo como consequência desta conjunção histórica: formas culturais estereofônicas originadas pelos negros dispersos na estrutura de sentimento, produções, comunicações e memórias – o que autor chama de mundo atlântico negro. As sucessivas gerações de intelectuais negros entendem essa ligação e a projetam em sua escrita e em sua fala na busca de liberdade, cidadania e autonomia social e política. O pensamento e a arte dos negros nessa relação entre modernidade e dupla consciência são denominados como contracultura da modernidade. Gilroy discorre sobre o trabalho de escritores negros norte-americanos, precursores do nacionalismo negro e do panafricanismo, e ressalta a importância da experiência pessoal da escravidão para a construção do pensamento dos autores.

Em seu segundo capítulo, o autor afirma que a escravidão foi parte integrante da civilização ocidental, explorando a relação senhor/escravo em detalhe. Argumenta que os modernismos literários e filosóficos do Atlântico Negro encontram suas origens em um sentido de cumplicidade racializada e o terror da supremacia branca. O conceito de pós-modernismo é frequentemente introduzido para enfatizar a natureza radical ou da ruptura entre as condições contemporâneas e a época do modernismo. Para ele, é primordial focar o papel dos intelectuais dentro da modernidade como maneira de traçar a particularidade a espreita sob a asserção universalista do projeto iluminista.

No terceiro capítulo, Gilroy, através de uma discussão sobre a música e as relações sociais que a acompanham, procura esclarecer alguns dos atributos distintivos das formas culturais negras que, segundo ele, são ao mesmo tempo modernas e modernistas. Exemplificados pela estrutura, os hibridismos contraculturais a partir dos empréstimos presentes na produção musical afro-americana de Jubilee Singers, Jimmy Hendrix e do *hip-hop*. Apresenta um inventário das questões sobre autenticidade étnicas, a identidades de gênero e as imagens de raça como família que se tornaram partes importantes da produção e da interpretação. Procura ainda demonstrar porque a polarização entre as teorias essencialistas e antiessencialistas da identidade negra se tornou improdutiva, buscando enfatizar a historicidade da construção cultural e seu sentido político.

O quarto capítulo examina uma pequena parte da obra de W. E. B. DuBois e sua teoria da dupla consciência, um dos temas centrais de Gilroy. A intenção é demonstrar como a cultura política do Atlântico Negro mudou em seu trajeto de sair da escravidão, em suas tentativas de uma cidadania significativa nas sociedades pós-emancipação. As viagens de DuBois pela Europa transformaram seu entendimento de raça e do lugar deste conceito no mundo moderno.

O capítulo cinco continua abordando os argumentos citados no capítulo anterior, paralelamente com a discussão sobre a obra de Richard Wright. Na posição deste autor, o negro não é mais apenas metáfora da América, mas um

símbolo central nos sistemas psicológicos, culturais e políticos do ocidente como um todo. Aqui a política do Atlântico Negro é discutida sobre o pano de fundo do fascismo europeu. Wright tenta vincular a sina dos negros americanos às experiências de outros povos colonizados, e elabora uma teoria de subordinação que incluía uma psicologia.

O livro se encerra com uma discussão crítica do afrocentrismo, pois, para os autores destacados na obra, o mundo moderno representa uma ruptura com o passado, não no sentido de que os africanismos pré-modernos não sobrevivem a sua instituição, mas porque a importância e o significado dessas sobrevivências se tornam irremediavelmente desligados de suas origens. Neste capítulo, o autor remonta à ideia de diáspora e estabelece conexões com fontes da cultura judaica com a política panafricana e a história grega. Gilroy afirma que suas conclusões são provisórias. Segundo ele, o livro tem um potencial rumo às políticas de um novo século, no qual o eixo central dos conflitos não será mais a linha de cor, mas o desenvolvimento justo e sustentável e as fronteiras que separam as áreas superdesenvolvidas do mundo da pobreza intratável que já as circunda. Nessas circunstâncias, pode ser mais fácil considerar uma resposta ao racismo que não reifique o conceito de raça, mas veja como um processo infinito da construção de identidade.

Devido à amplitude do tema de todas as culturas negras dos dois lados do Atlântico, o autor encontra dificuldades em dimensioná-las dentro de seus contextos, no que diz respeito principalmente ao Atlântico Sul. As conclusões gerais expostas na obra sobre as comunidades negras em geral é o resultado da amplitude do tema. Talvez por isso se sinta a grande ausência no livro das relações entre as culturas negras do centro e da periferia do capitalismo mundial. Entretanto, cumpriu ao que se propôs ao lançar marcos sobre as investigações mais detalhadas da descomunal cultura negra do Atlântico.

Apesar de se tratar de um texto denso e muito complexo devido às inúmeras referências e aspectos da cultura negra no âmbito do mundo de língua inglesa, o que torna a leitura mais difícil, a obra é de suma importância para os estudos sociológicos e da cultura. E se mostra extremamente esclarecedora para a compreensão dos processos de racialização no Ocidente.

[Recebido em: maio 2010 e
aceito em: julho 2010]